



Carlos Eduardo Soares Reis*

Carlos Vitor Esmeraldo Albuquerque Beserra**

RESUMO

O presente artigo é oriundo da leitura da obra de Primo Levi intitulada “É isto um homem?” que narra a sua experiência dentro de um campo de concentração nazista. Tal história despertou nos autores desse trabalho, centelhas que incidiram em perscrutar as semelhanças entre o pensamento de Heidegger sobre o *Dasein* e sua capacidade de estar aberto para o mundo, desdobrando-se em possibilidades e atribuindo sentido a realidade que o cerca com a vivência compartilhada pelo autor da literatura. Através disso, busca-se realizar um paralelo entre alguns conceitos de Heidegger e trechos dos relatos de Primo Levi, que exemplificam a condição do homem como um ser em unidade com o mundo em um constante *porvir*.

Palavras chave: Heidegger. Literatura. Fenomenologia.

ABSTRACT

This article comes from the work of Primo Levi reading entitled "Is this a man?" Which chronicles his experience in a Nazi concentration camp. This story aroused the authors of this work a similarity bias between Heidegger's thought about the *Dasein* and its ability to be open to the world unfolding in possibilities and assigning meaning to reality around with the shared experience by the author of literature. Through this, we seek to carry out a parallel between some concepts of Heidegger's and excerpts from Primo Levi reports that exemplify the condition of man as a being at one with the world in a constant future.

Key Words: Heidegger. Literature. Phenomenology.

1 INTRODUÇÃO

O quão raro é você ler uma obra literária clássica e não perceber filosofia nela, ainda mais partindo de algo tão intrínseco ao humano, como a própria história de vida. Dentre reflexões e absorções sobre um texto, de súbito é possível deparar-se com aspectos pessoais, aglutinados através de vivências assumidamente não teóricas, mas que são essenciais para sua compreensão. Como égide desse excerto, Calvino (1993, p. 12) comenta que "o clássico não necessariamente nos ensina algo que não sabíamos; às vezes descobrimos nele algo que sempre soubéramos (ou acreditávamos saber)". De fato, o que nos detém na maioria das vezes em uma leitura é sua premente captura dialógica, enquanto despertar de emoções acerca do

* Bacharel em Psicologia pela Faculdade Maurício de Nassau/FAP – E-mail: reis_phb@hotmail.com

** Discente do curso de Psicologia da Faculdade Maurício de Nassau/FAP – E-mail: carlosvitoranimes@hotmail.com



cisco de significado que está latente em nós, ao passo disso, continua Calvino (1993, p. 12): "mesmo esta é uma surpresa que dá muita satisfação, como sempre dá a descoberta de uma origem, de uma relação, de uma pertinência".

Dedicado esse primeiro parágrafo para saudar a interação com a obra de Primo Levi – “É isto um homem?”, ensejamos agora Heidegger no argumento, como fonte do mote que dialoga filosofia e teórica, acrescentamos ainda, uma verve irônica à ligação, visto que, como Heidegger, aparentemente nazista (discurso de posse da reitoria, cadernos negros), teria a ver com uma obra escrita pelo judeu que nunca sequer ouviu falar? Mas diante disso, o livro baseado em sua experiência trôpega nos campos de concentração abre brechas para o encaixe de sua filosofia, já que trata do arcabouço humano em condições reflexivas sobre a vida e morte. Contudo, curiosamente a arte de escrever possui muitas vezes pares, que dissipados pelo tempo parecem não coadunarem quando postos de lado. Entretanto é mister salientar que não são enquanto ideologia parecidas, mas apegadas nas entrelinhas da arte escrita que transcende o texto em sua coexistência. Novamente Calvino (1993, p. 248), traz luz à questão: "talvez para explicar a adesão que um autor suscita em cada um de nós, ao invés de partir de grandes classificações gerais, é preciso partir de razões mais precisamente conexas com a arte de escrever".

2 SOBRE A LEITURA COMO RELAÇÃO

Na história, mais especificamente no século XVII, a acentuação do conhecimento científico se deu com René Descartes que privilegiava a racionalidade e a separação do sujeito intelectual do objeto alvo desse intelecto. Descartes pretendia chegar a um método que não gerasse dúvidas quanto ao alcance da verdade e, a partir disso, acreditava ser necessário realizar cisões entre o que era passível de ser estudado e aquilo que não era, para poder alcançar o real saber científico.

Assim, Araújo (2006, p. 133-134) demonstra que Descartes “ao teorizar sobre a racionalidade, ele promove uma separação entre mente e corpo, entre matéria e pensamento e entre razão e as demais formas de conhecimento, nascendo daí a ruptura da ciência com o sensível a natureza, a imaginação e o sagrado”.

Diante desse fato, brota uma herança ocidental científica que considera o sujeito e o objeto como dicotomias, ou seja, dois complementos semifundidos em prol de um, onde o

primeiro apropria-se do segundo. Nessa visão não existe uma integração entre ambos ou uma possível unidade. Nesse sentido a leitura, por exemplo, pode se enquadrar na ordem do sujeito (leitor) e objeto (livro).

Entretanto, por meio de outra ótica, leitor e obra podem estabelecer uma relação de reciprocidade. Larrosa (2003) explicita isso perfeitamente quando discorre sobre a formação subjetiva da pessoa como leitura:

Pensar a formação como leitura implica pensá-la como um tipo particular de relação de produção de sentido (...) E essa relação tem uma condição essencial: que não seja de apropriação e sim de escuta. (LARROSA, 2003, p. 29-30, Tradução nossa).

Dentro dessa outra forma de interação com a leitura existe uma espécie de diálogo entre autor e leitor e não apenas uma mera introjeção de ideais. O livro realmente tem algo a dizer e de forma mútua emerge a interação com o leitor. Por isso mesmo, Larrosa (2003, p. 52, tradução nossa) adverte que "O importante, penso eu, é não tentar converter a experiência formativa da leitura em um" objeto". Com isso, o autor quer dizer que ler não se resume em uma aquisição de informações que se convertem em conceitos e sim uma experiência singular para cada pessoa que se ponha a vivenciá-la.

O ato de ler não é o desdobramento de um sujeito que domina sobre um objeto considerado instrumento. Ler uma obra pode ser uma relação (quando provida assim), afastada da dicotomia sujeito-objeto, que marca profundamente uma vida, tal qual uma relação humana significativa que deixa marcas indeléveis na existência.

Nesse sentindo, com uma forte convicção, Freire (2008) afirma que:

A leitura deve ensinar-nos o valor do mutável, dinâmico, inesperado, inédito, rúptil. É disso que se trata quando ansiamos por compreender a existência. São fatos, acontecimentos, vivências e convivências. Urdidura de lembranças e esquecimentos, passagens e paisagens, desejos e dejetos, a memória, a percepção e a motivação humanas estão expostas nos livros e na vida dos homens (FREIRE, 2008, p. 8).

A literatura considerada nesse formato vai muito além da sobreposição de páginas. Ela se mostra como uma alteridade, rica em pontos de vistas diferentes, em novas perspectivas, que podem proporcionar ao leitor caminhos jamais imagináveis. Mais uma vez, Jorge Larrosa (2003) que dedicou interessantes estudos acerca da literatura e subjetividade, destaca a experiência da leitura em seu aspecto formativo, de criação e modelação de sermos. O autor

se afasta de um modo de pensar técnico-científico onde há um sujeito cognoscente e um objeto cognoscível, no qual o primeiro visa apenas apreender o conhecimento do segundo, sem se deixar tocar (no sentido de *afetar*).

Larrosa (2003) contribui claramente discorrendo sobre a fronteira que irrompe a verdadeira experiência da leitura:

Para que a leitura se resolva em formação é necessário que haja uma relação íntima entre o texto e a subjetividade (...) Estamos informados, mas nada nos comove no íntimo. Pensar a leitura como formação supõe cancelar essa fronteira entre o que sabemos e o que somos, entre o que passa (e o que podemos conhecer) e o que nos passa (como algo ao qual devemos atribuir um sentido na relação a nós mesmos). (LARROSA, 2003, p. 28-9, tradução nossa).

Dentro dessa linha de pensamento, trata-se de experienciar a leitura vivendo *com* e não *sobre* ela. Como uma bela apresentação de dança, onde os dançarinos se amalgamam, tornando-se difícil distinguir quem conduz quem, pois na verdade, não há condução e sim uma relação recíproca. Dessa maneira, dentro da perspectiva desse manuscrito, a leitura como *form-ação* e *transform-ação* é uma relação Eu-Tu conforme a fenomenologia dialógica de Martin Buber (2011).

Nessa breve introdução, pode-se perceber que a leitura perpassa as conceptualizações de uma atividade objetiva e utilitária que não interfere no nosso modo de viver. Pelo contrário, a leitura é capaz de proporcionar abertura para uma nova visão de mundo, rica em sentidos. Dessa forma, ler é conectar-se genuinamente ao que está escrito.

Ao ecoar esse tipo de leitura na obra “É isto um homem?” de Primo Levi considerando-a não como uma ficção e sim um relato histórico-poético de quem vivenciou e escreveu de forma fenomenológica, pretende-se realizar aproximações dessa obra com a filosofia de Heidegger a fim de auxiliar na compreensão de alguns conceitos filosóficos, acentuando desde já a vereda pela inferência e não pela consolidação.

3 UM BREVE PANORAMA DE “É ISTO UM HOMEM?”

A obra “É isto um homem?” narra de forma explícita e sem meios termos a vida de Primo Levi nos campos de concentração. Com uma escrita límpida, o autor traz seu leitor para dentro das páginas proporcionando uma experiência rica em afetos e afecções. Levi inicia

relatando como se tornou um prisioneiro e detalha sua viagem onde foi carregado como um animal mal tratado dentro de um vagão lotado.

Ainda atônito devido as circunstâncias e com a garganta entalada com as diversas perguntas que gostaria de fazer, Levi chega ao seu destino. A fome e a sede já eram condições impregnadas e se não bastasse ainda, existia a força devastadora do inverno. Após o ritual de desinfecção, no qual todos os novatos eram amontoados nus e submetidos a um banho de água quente, os mais novos prisioneiros recebiam uma muda de roupa listrada, fina como seda, que os faziam parecer fantoches sem identidade, terminando por serem lançados no campo gélido.

A partir de então, se inicia a história de um homem em sua constante adaptação a uma nova realidade. Não existe mais o italiano Primo Levi. Existe agora um homem (É isto um homem?) sem cabelos, com um uniforme listrado, face delgada pela circunstância que fora arremetido, sua peculiaridade dentre os demais estava em um número tatuado no braço, onde cada indivíduo ali o tinha, servindo como ímpio parâmetro de identificação e diferenciação. O despertar de sensação habitual era prementemente fome e sede. Não há mais identidade, amigos ou qualquer resquício de tranquilidade. Tudo era muito diferente para Primo Levi, mas quando olhava para algum outro prisioneiro, parecia que todos eram estranhamente iguais.

Assim, começa a rotina maçante de trabalho que atravessa toda a história. Não é à toa que, ainda no início da obra, logo no fim da viagem, ao ser obrigado a entrar em uma sala, estava escrito a seguinte frase: “*ARBEIT MACHT FREI* (O trabalho liberta)” (LEVI, 1988, p.20). Entretanto, o trabalho parecia afundar ainda mais Primo Levi dentro de um mundo no qual ele assemelhava ao inferno. Permitam-nos transcrever a seguinte passagem que ilustrará bem o sentimento a que nos referimos:

Imagine-se, agora, um homem privado não apenas dos seres queridos, mas de sua casa, seus hábitos, sua roupa, tudo, enfim, rigorosamente tudo que possuía; ele será um ser vazio, reduzido a puro sofrimento e carência, esquecido de dignidade e discernimento – pois quem perde tudo, muitas vezes perde também a si mesmo; transformado em algo tão miserável, que facilmente se decidirá sobre sua vida e sua morte, sem qualquer sentimento de afinidade humana (...) (LEVI, 1988, p.25).

Logo percebemos um sofrimento que transcende o material, o físico. A história se desdobra de maneira poética apesar de ser, muitas vezes, sufocante devido a riqueza de detalhes trazida pelo autor. Vemos continuamente um ser se redescobrendo em um mundo completamente novo. Diante de todas as mazelas que há dentro do campo, gradativamente

Levi percebe que o mesmo tem um funcionamento próprio que proporciona brechas de alívio para aqueles que conseguem se adequar diante a perene adversidade.

Em vista disso, a seguinte passagem demonstra como alguns *Häftling* (termo em alemão usado para designar os prisioneiros) levavam a vida no campo e tentavam a todo custo buscar sua dignidade:

(...) justamente porque o Campo é uma grande engrenagem para nos transformar em animais, não devemos nos transformar em animais; até num lugar como este, pode-se sobreviver, para relatar a verdade, para dar nosso depoimento; e, para viver, é essencial esforçar-nos por salvar ao menos a estrutura, a forma da civilização. Sim, somos escravos, despojados de qualquer direito, expostos a qualquer injúria, destinados a uma morte quase certa, mas ainda nos resta uma opção (LEVI, 1988, p.25).

Primo Levi ouve essas palavras com atenção e ceticismo. Ainda não via como isso poderia ser verdade. Apenas via em si mesmo as profundas marcas que o campo deixava em seu corpo e em sua alma. Com o passar do tempo, foi se adaptando. Porém, em hipótese nenhuma, isso quer dizer que o sofrimento deixou de existir, já que o déficit de liberdade era adoeceador e transplantava desesperança.

No mais, foi atribuindo significado a suas vivências, visualizando o funcionamento dos contrabandos que lá existiam para tentar ajustar-se de forma palatável, produzia sentido e coagulava os dias passados na memória, ressignificando-os e cicatrizando-os. Todo esse processo se deu ao conhecer pessoas que ainda guardavam um resquício de companheirismo e esperança dentro do campo. É válido salientar a aura inevitável de incredulidade nos finais do dia nos campos, pois com a chegada cronológica de outro alvorecer, a sobrevivência se carimbava, ao ponto de surgir a indagação se era salutar existir por mais esse dia.

De qualquer maneira, a narrativa possui um conteúdo distribuído em 178 páginas, dividido tenazmente em uma série de capítulos relativamente curtos. Acreditamos que não devemos nos aprofundar na história de “É isto um homem?”. Afinal de contas, não queremos retirar o prazer de uma possível e futura leitura na íntegra desse trabalho. O sentido da obra é eminentemente subjetivo e causa impactos idiossincráticos na vida de cada um. No presente artigo, o sentido da obra está bastante relacionado a alguns conceitos de Heidegger. Inclusive a própria obra pode vir a facilitar a compreensão desses conceitos. Sendo assim, se segue as possíveis comparações.

4 POSSÍVEIS COMPARAÇÕES

No decorrer da literatura supracitada, percebe-se a angústia do homem diante da finitude, explicitamente nas passagens da narrativa de Primo Levi. Ao ser lançado nesse novo mundo que é o campo, o autor se depara de forma abrupta com sua temporalidade. Vemos um homem que fora arrancado de sua realidade sendo obrigado a refletir sobre sua nova condição humana. Posto em um ambiente que a cada instante corre-se o risco de sucumbir, o autor nos interroga: “Se tivéssemos para ser mortos, amanhã, juntos com seus filhos, será que hoje não lhes dariam de comer?” (LEVI, 1988, p. 14).

Nota-se aqui um ser humano que percebe e se questiona sobre sua condição de *ser-para-a-morte*. Heidegger (2005) assim entende que o ser humano é um ente com capacidade singular de refletir sobre sua condição de devir e afirma que a nossa temporalidade, que é finita, nos gera angústia.

A esse ser que tem a capacidade de refletir e de *vir a ser*, Heidegger (2005) denominou de *Dasein*. Essa nomenclatura caracteriza a capacidade do ser humano de poder transformar-se e atribuir sentido a experiência. Ao contrário de uma coisa (*res*) que sempre será limitada a condição que a incapacita de usufruir as possibilidades da metamorfose do fluxo da vida, devido a sua facticidade e determinação. Sobre a metamorfose e a capacidade criativa. Nietzsche (2012, p. 81) afirma com veemência: “Criar, este é o grande resgate do sofrimento e o que torna a vida mais leve. Mas, para ser o criador, são necessárias dor e numerosas metamorfoses”.

À vista disso, os seres humanos são criadores. E é graças a essa característica que Primo, como um *Dasein*, se desdobrou perante a uma nova realidade que lhe foi imposta. Com isso, logo tomou consciência da característica inexorável do humano, a saber, a finitude:

Cedo ou tarde, na vida, cada um de nós se dá conta de que a felicidade completa é irreal; Poucos, porém, atentam para o oposto: é irrealizável a infelicidade completa. Os motivos que se opõem à realização de ambos estados-limite são da mesma natureza; eles vêm de nossa condição humana que é contra qualquer “infinito” (LEVI, 1988, p.15).

Nessa linha de raciocínio, Heidegger (2005) acredita ser indissociável a temporalidade do Ser que impõe a nós um prazo de validade. Primo Levi fala na citação anterior, com tom de esperança diante da situação vivida, visto que ao perceber sua finitude, acredita e atribui

significado a sua infelicidade que também pode vir a ser finita. Dessas reflexões, surge no autor da obra a condição necessária do Cuidado de si.

O *Dasein* é um ser-para-morte que é Cuidado. Isso quer dizer, em outras palavras, a percepção de um limite necessário que encarna fragilidade de um existir que requer Cuidado. Sodelli e Theodoro (2011, p. 249) comentam que: “O *Dasein* é essencialmente livre, no sentido de ser capaz de realizar opções e de tomar decisões das quais resultam os significados de sua existência (...) o Homem nasce possibilidade e não determinação”.

No decorrer da escrita de Primo Levi no campo de concentração, as possibilidades ainda existem e podem se desenvolver, entretanto elas são bloqueadas por uma rigidez que não deixa o *Dasein* se manifestar de forma plena e pessoal. Levi sofre nesse quesito, pois ser-no-mundo é um constante cuidar de si. Porém, nas condições que já foram expostas, Levi está privado de sua capacidade de ser ele mesmo. Dessa maneira o autor escreve:

Pela primeira vez, então, nos damos conta de que a nossa língua não tem palavras para expressar esta ofensa, a aniquilação de um homem. Num instante, por intuição quase profética, a realidade nos foi revelada: chegamos ao fundo. Mais para baixo não é possível. Condição humana mais miserável não existe, não dá para imaginar. Nada mais é nosso: tiram-nos as roupas, os sapatos, até os cabelos; se falarmos, não nos escutarão – e, se nos escutarmos, não nos compreenderão. Roubarão também nosso nome, e, se quisermos mantê-lo, deveremos encontrar dentro de nós a força para tanto, para que, além do nome, sobre alguma coisa de nós, do que éramos (LEVI, 1988, p.24-25).

Eis aí um homem entregue, que escreve sem hesitação seu sentimento de desvalia. É necessário compreender que é evidente uma redução nas possibilidades do *Dasein*. Esse enclausuramento é considerado uma forma de adoecimento, pois a abertura para o mundo encontra-se reduzida, já que um outro alguém/algo sempre toma para si as rédeas de uma existência que não o pertence.

Em decorrência disso, como prisioneiro que era, Levi sempre estava fadado a ordens e a uma rotina degradante vindas do outro, não sobrando espaço para uma iniciativa que seja verdadeiramente sua. Nesse contexto de privação, Machado e Jorge (2005, p. 199) afirmam que “esse tipo de existência priva o homem da capacidade de alcançar uma verdadeira abertura em direção às coisas e uma verdadeira compreensão do ser”.

Nessas condições, a autenticidade humana é podada por essa atitude de “decepar” a característica *sui generis* do *Dasein*, de escolher e ser responsável pelo que se escolhe. Nisso não há caráter pessoal, vontade própria ou subjetividade. Existe o oposto, a impessoalidade. O

próprio campo de concentração distanciava a pre-sença, pois o caráter cáustico do ambiente estraçalhava a naturalidade de aptidão física, intelectual e moral de Primo Levi, o despersonalizando. Nas palavras de Heidegger (2005, p. 180): “O impessoal tira o encargo de cada pre-sença em sua cotidianidade”.

Acerca disso, Levi comentava sobre sua angústia diante da impessoalidade:

Esta será, então, a nossa vida. A cada dia, conforme o ritmo fixado, *Ausrücken* e *Einrücken*, sair e voltar; trabalhar, dormir e comer; adoecer, sarar ou morrer. (...) o problema do futuro longínquo foi se apagando, perdeu toda intensidade, perante os problemas do futuro imediato, bem mais urgentes e concretos: como a gente comerá hoje, se vai nevar, se vamos ter que descarregar carvão (LEVI, 1988, p. 34).

A Cotidianidade para Heidegger (2005, p. 87) “é, antes, um modo de ser da pre-sença, justamente e sobretudo, quando a pre-sença se move numa cultura altamente desenvolvida e diferenciada”. No campo de extermínio vivido por Levi havia uma cultura própria que articulava uma rotina rígida e sistemática. A resignação se confundia com uma dor que se tornava ainda mais vívida em seus sonhos. Pois, como traz Heidegger (2005, p. 251), “o angustiar-se abre, de maneira originária e direta o mundo como mundo”. Enquanto o dia obedecia a um ritmo fixado como descrito acima, nas noites a consciência retornava a si própria, “o mundo abria-se como mundo”, lívida e aferrada por mais um dia permanecer sã.

Como fagulhas de possibilidades que emergiam em lembranças, Primo relata que no campo “a personalidade corre mais risco de se perder do que a própria vida” (LEVI, 1988, p.54). O *Dasein* em um constante vir a ser resgata através das lembranças a sua pessoalidade.

Quando se trabalha, se sofre, não há tempo de pensar; nossos lares são menos que uma lembrança. (...) as lembranças do mundo de fora povoam nossos sonhos e vigílias; percebemos com assombro que não esquecemos nada; cada lembrança evocada renasce à nossa frente, dolorosamente nítida (LEVI, 1988, p. 54).

É nesse raciocínio que Sá e Barreto (2011) trazem a ideia de que a angústia possui um caráter impulsionador para a liberdade que devolve ao homem sua condição de ser-no-mundo, livrando-o do objetivismo e da impessoalidade que o assola. Nesse sentido, a angústia gera o des-espero, ou seja, o distanciamento do esperar e, portanto, agir. Heidegger (2005) considera o homem um ser-no-mundo, tal designação não está se referindo ao ser humano como uma coisa que está inserida no interior de algo, e sim a uma relação de intimidade inevitável que o

ser humano tem com seu universo. Quanto a isso, o mesmo autor define que o ente pode ter o caráter de pre-sença e esse ente “somos nós mesmos” (HEIDEGGER, 2005, p.77).

A condição de ser humano na cotidianidade que prova uma relação intersubjetividade com o mundo proporciona a capacidade de transformação diante das escolhas realizadas e das consequências advindas destas. Portanto o homem é o ser do devir que não estagna, enquanto ser vivo que pulsa em si feixes de processos orgânicos e existenciais. Assim, Heidegger (2010) esclarece o termo pre-sença a fim de caracterizar essa diferença entre nós e algo simplesmente dado no mundo. O termo original que tem a mesma conotação de pre-sença é a palavra alemã *Dasein*, ou a morada do ser, tratada no entorno ético em cartas ao humanismo (HEIDEGGER, 2010).

Retomando os escritos do autor italiano, as situações no campo foram sendo modificadas. O próprio caráter de atribuição de sentido do ser-no-mundo propiciou essas modificações. Primo Levi soube valorizar as pequenas frestas de alívio que surgiram, até mesmo quando ficou doente e foi mandado para enfermaria. Observa-se que enquanto Primo Levi cuidava de um aspecto *aparentemente* físico na enfermaria, devido às doenças que circulavam no campo, por trás do véu desse momento também apaziguava sua condição “psíquica”. Por isso, Nogueira (2007) comenta:

A saúde física e a saúde mental devem ambas estar subsumidas à compreensão do ser do homem como ser-aí, ou seja, como *Dasein*, em seus modos de ser-no-mundo (...) Fincado em sua liberdade, o homem é a potencialidade de ser-no-mundo, o que o torna distinto de uma pedra, de uma planta e mesmo dos animais (NOGUEIRA, 2007, p. 432).

Mais uma vez é enaltecida o ardil potencial do *Dasein* em se descerrar nas possibilidades de sua existência. Esse momento de liberdade era experimentado por Levi na enfermaria do campo, colocada na obra em um capítulo intitulado Ka-be. Explica o autor: “Ka-be é a sigla do *Krankenbau*, a enfermaria. Oito blocos, iguais aos do Campo, porém isolados por uma cerca de arame farpado” (LEVI, 1988, p.45).

Tal espaço nos remete uma extensão do suplicio que os judeus sofreram, já que o Ka-be era a área de passagem, uma superfície de aparente descanso e solicitude humana. Porém tinha como norma a marcação cronométrica da estadia como se apresenta no seguinte trecho: “(...) para lá mais de duas semanas e ninguém mais de dois meses: nesse prazo a regra é ficar bom ou morrer. Quem tende a ficar bom, é curado no Ka-Be; quem tende a piorar, do Ka Be é mandado às câmaras de gás.” (LEVI, 1988, p.45).

Contudo, acha-se um paralelo com a perspectiva do *Dasein* quando se fala em Cura (*Sorge*) fenomenológica, na medida em que um dos atributos do Ka-Be é aparentemente ser o lar dos enfermos em iminência de morte, e é no Ka-be que Primo Levi, exausto ao ponto de não conseguir raciocinar o significado de tudo que o rodeia, insufla-se ávido em Ser. Em paralelo a isso, Heidegger (2005, p. 245) considera: “A elaboração ontológica desse fenômeno existencial fundamental exige a sua delimitação frente aos fenômenos que, de imediato, podem identificar-se com a cura. Esses fenômenos são vontade, desejo, tendência, propensão”.

O Ka-be era um potencial transformação do estado de humor pusilânime dos presos, as possibilidades de não trabalhar eram reais, as dores físicas e psíquicas ganhavam atenção maior, a troca de experiências com os outros enfermos era episódio digno de convalescença já que a mútua atenção trazia decerto e aos poucos o afeto estraçalhado pela rotina do campo. Naquele instante, quiçá fugaz, tornava-se precioso e prevalecia a intenção de ser alguém além de mais um judeu nas arestas da concentração nazista. Primo Levi no excerto do livro exemplifica com mais autoridade:

O Ka-be é o campo livre do sofrimento físico. Por isso, quem ainda possui um germe de consciência, recupera essa consciência; por isso, nos eternos dias vazios, a gente não fala apenas de fome e de trabalho; chegamos a considerar como nos transformaram, o quanto nos tiraram, o que é a nossa vida. (LEVI, 1988, p. 54).

Ao refletirem sobre a existência maculada, o grupo de enfermos tratam-se, cuidam-se e migram à probabilidade do ator Heideggeriano, pois criam em meio a adversidade um espaço de trocas intersubjetivas, onde nascem sentidos preñhes de vida e higiene mental. Vede, Heidegger (2005, p. 244) ilustra muito bem: “em seu ser junto ao “mundo” e em seu ser-com os outros, está em jogo o seu poder-ser mais próprio.”

Encaminhando-se para o final da obra, o autor estava entregue a causalidade e determinação apesar de conseguir se movimentar de uma maneira mais favorável dentro do local supramencionado. O estado de coisificação é transcrito aqui: “por isso, não é humana a experiência de quem viveu dias nos quais o homem foi apenas uma coisa ante os olhos de outro homem” (LEVI, 1988, p.173). Heidegger quando trabalha o termo “ente” busca a raiz etimológica do grego, chamando-o de coisa, objeto, este não mais munido de potência criativa. Resignado com o fim, a morte já era vista como liberdade existencial para Levi, fonte

de alegria tendo em vista que a “cotidianidade assevera uma espécie de certeza da morte” (HEIDEGGER, 2005, p.38).

Finalmente na manhã de 23 de janeiro, quando avistado a cerca derrubada pelo conflito entre alemães e tropas russas, Levi partiu em retirada com o grupo de judeus que ali aproveitavam seus primeiros passos na liberdade, “sem que arames farpados me separassem de minha casa” (LEVI, 1988, p. 169).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É com um tom soturno que o livro se encerra, Levi e alguns companheiros conseguem sua liberdade integrada, agora poderão ter sua paz que mais parece ser uma ordem no caos, até por não saberem o que aconteceu com os familiares e para onde irão agora e como seguirão suas vidas. Certamente é considerável que não terão mais o regime dos campos de extermínio, mas será que os campos de extermínio algum dia desencravarão totalmente de suas consciências?

Tão exauridos de prerrogativas foram os judeus, que o ranço histórico se perpetua pelas gerações, recaindo até hoje, por se fazer merecerem suas compensações e direitos retirados por uma época atroz. Dado esse fato, é imprescindível compreendermos, mesmo que superficialmente, o que se passou nessa época e tentar ressoá-la, no intuito de não mais se repetir preceitos ditatoriais e intolerantes ao homem.

Diante do exposto, intentou-se realizar paralelos entre essa vivência que transformou-se em livro com alguns conceitos do filósofo alemão. Esclarece-se que essa é uma parte mínima das concepções de Heidegger que escreveu extensamente sobre a existência. Com isso, é notório a capacidade criativa humana, a própria importância da leitura que faz emergir sentidos e novos horizontes. Dado isso, findamos com a fenomenologia de Heidegger carregando uma relação viva da leitura como formação subjetiva e que entrega a herança de um ser humano como fonte das possibilidades.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C. A. Á. A ciência como forma de conhecimento. **Ciências & cognição**. v. 8, s.n, p.127-142, 2006.
- BUBER, M. **EU e TU**. São Paulo: centauro, 2001.
- CALVINO, ITALO. **Por que ler os clássicos?** São Paulo: Companhia das letras, 1993.
- FREIRE, J. C. Literatura e psicologia: a constituição subjetiva por meio da leitura como experiência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 60, n. 2, p. 2-9, 2008.
- HEIDEGGER, M. **Cartas ao humanismo**. 2 ed. Editora Centauro: São Paulo, 2010.
- HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**: parte I e II. 15 ed. Editora Vozes: Petrópolis, RJ, 2005.
- LARROSA, J. **La experiencia de la lectura**: estudios sobre literatura y formación. México: FCE, 2003.
- LEVI, P. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- MACHADO, C. E. ; JORGE, M. S. B. Ser profissional de saúde em uma unidade neonatal de alto e médio risco: o visível e o invisível. **Estudos de Psicologia Campinas**. v. 22, n. 2, p. 197-204, 2005.
- NIETZSCHE, F. **Assim falava Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Lafonte, 2012.
- NOGUEIRA, R. P. A Saúde da *Physis* e a Saúde do *Dasein* em Heidegger. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 429-450, 2007.
- SÁ, R. N.; BARRETO, C. L. B. T. A noção fenomenológica de existência e as práticas psicológicas clínicas. **Estudos de Psicologia Campinas**. v. 28, n. 3, p. 389-394, 2011.
- SODELLI, M.; TEODORO, A. S. Visitando os Seminários de Zollikon: novo fundamentos para a psicoterapia fenomenológica. **Psicologia Revista**. v. 20, n.2, p. 245-272, 2011.